

# Em Nova York, reação também não é favorável

RÉGIS NESTROVSKI  
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — Os banqueiros credores do Brasil acham a proposta que o Ministro Bresser Pereira trará aos Estados Unidos não só ruim como, no momento, inapropriada. Um banqueiro credor que participará das reuniões com o Presidente do Banco Central no fim deste mês disse que “um país que não paga juros há quase sete meses tem que ver primeiro como fará um acordo a curto prazo, antes de procurar resolver todo o problema da dívida externa do Terceiro Mundo”.

Fontes bancárias disseram que não acreditam que “o Brasil irá apresentar esta proposta de bônus e conversão da dívida. Isso deve ser para aumentar a posição de barga-

nha do Brasil. Eles têm que fechar 1987 e 1988 primeiro. Acho que como tática até que é boa. Mas só como tática. Ou seja, deve ser colocada na mesa e aí discutiremos outros assuntos. Mas se ele levar a sério o que está dizendo, então preferimos que o Brasil continue em moratória”.

O clima em Nova York é tenso, antecedendo a chegada do Ministro amanhã à noite. O Citibank, que deve lançar cerca de US\$ 1 bi em ações na Bolsa de Nova York na próxima semana, está criticando abertamente a proposta de Bresser, já que só a idéia por ele colocada na imprensa já pode causar a quebra da venda das ações em Wall Street. Com a proposta de Bresser, o Citibank teria que converter cerca de US\$ 1 bi de dívida, o que acarretaria mais perdas

para o maior banco americano. Richard Huber, banqueiro do Citibank, declarou que “considera o plano uma loucura”.

O banqueiro Robert Chandler do Chase Manhattan Bank disse “que não entende como países como o Chile conseguiram manobrar a dívida e crescer, enquanto o Brasil continua uma esculhambação”.

Outra consequência da proposta brasileira é que o Federal Reserve (Banco Central americano) poderá nos próximos dias começar a pressionar os bancos americanos para reclassificarem os empréstimos ao Brasil como perdas, o que teria resultados catastróficos para os bancos e para o Brasil. Para os primeiros, representaria mais perdas e para o Brasil praticamente o fim de qualquer crédito no exterior.